

A QUESTÃO ECOLÓGICA, PANDEMIA DA SÍNDROME RESPIRATÓRIA AGUDA (COVID-19) E ELEMENTOS PARA SE REPENSAR A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Dr. Rogério Rodrigues  0000-0003-2657-7302
Universidade Federal de Itajubá

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo analisar as interações entre natureza e cultura presentes nas interfaces que se estabelecem na questão ecológica, pandemia da síndrome respiratória aguda (COVID-19) e a formação profissional. O referido estudo se justifica ao analisar a formação profissional dos sujeitos para além da perspectiva do especialista na ciência disciplinar. O método de pesquisa se refere em compreender a pandemia de 2020 numa perspectiva da teoria crítica no sentido de discutir este acontecimento para além da ciência disciplinar. Isso se apresenta como forma de analisar as especificidades para o combate ao referido vírus em ruptura com a especialidade científica. A modernidade contemporânea reduz o conhecimento na informação midiática da sociedade do espetáculo que se apresenta como forma que limita ao sujeito pensar a dinâmica da realidade. O referido estudo se justifica ao compreendermos que a pandemia se trata da falta de resposta da

modernidade perante a desarmonia que se consolida no consumo insustentável e extremo desequilíbrio na distribuição dos bens naturais do planeta. Conclui-se que ocorre uma falta de compreensão multidisciplinar da pandemia perante a complexidade do objeto, primordialmente, como problema social. Deste modo, a referida pandemia é algo que se apresenta como resultado direto da destruição da natureza em que o desequilíbrio e descontrolo do ecossistema afetam diretamente os sujeitos que vivem em sociedade. Torna-se imprescindível compreender essa dinâmica nas relações entre a natureza e cultura na unidade como forma de oposição direta ao conhecimento instrumental. Torna-se de fundamental importância desalienar o sujeito no modo de vida instrumental que se distancia da compreensão radical dos conceitos de como os fenômenos naturais são afetados pelas desigualdades sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Formação Profissional; Pandemia.

THE ECOLOGICAL ISSUE, PANDEMIC OF ACUTE RESPIRATORY SYNDROME (COVID-19) AND ELEMENTS FOR RETHINKING PROFESSIONAL TRAINING

ABSTRACT: This essay aims to analyze the interactions between nature and culture present in the interfaces that are established in the ecological issue, the acute respiratory syndrome pandemic (COVID-19) and professional training. This study is justified when analyzing the subjects' professional training beyond the perspective of the specialist in disciplinary science. The research method refers to understanding the 2020 pandemic from a critical theory perspective in order to discuss this event beyond disciplinary science. This presents itself as a way of analyzing the specificities for combating the aforementioned virus in rupture with the scientific specialty. Contemporary modernity reduces the knowledge in the media of the society of the spectacle that presents itself as a way that limits the subject to think about the dynamics of reality. This study is justified when we understand that the pandemic is about the lack of response

from modernity in the face of the disharmony that is consolidated in unsustainable consumption and extreme imbalance in the distribution of the planet's natural goods. It is concluded that there is a lack of multidisciplinary understanding of the pandemic due to the complexity of the object, primarily as a social problem. In this way, the referred pandemic is something that presents itself as a direct result of the destruction of nature in which the imbalance and uncontrolled ecosystem directly affect the subjects who live in society. It is essential to understand this dynamic in the relations between nature and culture in the unit as a form of direct opposition to instrumental knowledge. It is of fundamental importance to disalien the subject in the instrumental way of life that distances itself from the radical understanding of the concepts of how natural phenomena are affected by social inequalities.

KEYWORDS: Education; Professional qualification; Pandemic.



1 INTRODUÇÃO – A QUESTÃO DA ECOLOGIA E O PROCESSO FORMATIVO

Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter criança, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação (ARENDDT, 2011, p. 239).

A epígrafe acima de Hannah Arendt (2011) coloca em questão a responsabilidade do sujeito perante o mundo como ponto central para se pensar o processo formativo. Isso ocorre numa relação direta com a educação do sujeito numa perspectiva ecológica e não autoritária. Cabe destacar que isso se trata primordialmente da “[...] responsabilidade coletiva pelo mundo [...]” (ARENDDT, 2011, p. 239) como forma ética de existir como sujeito em todas as esferas da atividade humana.

Ao se pensar o processo formativo como responsabilidade perante o mundo o qual permite abrir a discussão referente a separação entre natureza e cultura em que o mundo pode ser compreendido como lugar em que vive, de um lado, diversas espécies de animais e plantas e, de outro lado, humanos que narcisicamente se representam como forma exclusiva de vida. Essa condição estabelece o paradoxo em se separar da natureza e cultura em que nos leva a repensar a formação profissional.

Em termo de processo formativo trata-se de compreender qual a responsabilidade do sujeito pelo mundo na separação entre natureza e cultura em que se encontra presente a totalidade das espécies de vida. Sabemos o que prevalece é a desarmonia ecológica na irresponsabilidade dos sujeitos no mundo ao se pensar o mesmo como lugar exclusivo de existência da sociedade humana.

Partimos da suposição que se vive o agravamento de uma era descompensada em termos de harmonia ambiental. A revolução industrial que se realiza entre o século XVIII e no final do século XIX estabelece a passagem do



trabalho manual para o uso das máquinas que implementaram um novo estilo de produção e consumo.

O sujeito passou a condição de artífice no processo de manufatura para ser um observador do processo de produção na maquinaria. Esta passagem conduziu na perda da experiência de vida (SENNETT, 2009) como aquele sujeito que detém as habilidades do processo de produção. Além disso, temos no final do século XIX a ampliação no crescimento das cidades quando ocorre uma dinâmica no deslocamento da população rural para a vida urbana.

Deste modo, podemos observar no século XX a intensificação da perda no controle do processo produtivo e a predominância do individualismo, pois não podemos deixar de considerar que vivemos nas cidades o paradoxo de estarmos juntos e separados. Isso resulta numa sociedade do indivíduo em que transparecer na precariedade da experiência do pensamento, primordialmente, na perda da qualidade na transmissão do conceito no campo da cultura escolar.

Essa perda da experiência do pensamento e o individualismo resultam no mundo em que cada vez mais se perde a condição de nos relacionarmos diretamente com o outro. Já a perda referente a qualidade do processo formativo se apresenta como resultado desta regressão da sociedade do indivíduo. Isso pode se apresentar em todas as esferas em que os sujeitos perdem a condição de pensamento crítico e ampliam o ponto cego como forma de não querer saber e viver plenamente alienados no consumo na falta de responsabilidade do sujeito perante o mundo.

Nesta sociedade que se individualiza também se perde a experiência de vida, pois somente com o outro é que posso colocar em evidência o que eu sou para mim uma vez que “Não apenas porque as afinidades tendem a prevalecer sobre as diferenças mas, sobretudo, porque a existência do outro estaria primordialmente a serviço da minha identidade” (SILVA, 2015, p. 209).

Esta condição de indivíduo se apresenta como não ser para si mesmo é que evidencia na precarização da cultura. Isso também se apresenta no campo



educacional em que transparece no baixo desempenho nas avaliações educacionais. No caso específico do processo de escolarização o PISA (*Programme for International Student Assessment*) indica a baixa qualidade na educação do Brasil que ficou quase em último lugar no ano de 2019 e encontra-se com os seguintes resultados: 413 pontos em leitura, 384 pontos em matemática e 404 em ciências (BERMÚDEZ, 2020).

A partir desses dados pontuais deveria se levar em conta que devemos questionar a ênfase que se estabelece em torno da educação instrumental em que pouco se compreende a necessidade de respeito pela existência das outras espécies de animais e plantas. Esta falta de cuidado com o ecossistema tem agravado a transmissão de doenças que se encontram restrita a ambientes entre os animais de outras espécies para a infecção de humanos.

A contaminação dos humanos por novas categorias de bactérias e vírus deveriam ser objeto de análise por diversas ciências que poderiam colaborar com o referido tema da questão ecológica e o processo de escolarização. Entretanto, o prevalecer na sociedade instrumental é o não querer pensar a transmissão da ciência de modo crítico ou na recusa da cultura escolar que se apresenta o conceito aquém na precária forma de interpretar a realidade em que prevalece o senso comum precário que muitas vezes banaliza a realidade e mais cruelmente naturaliza as formas de violência que se apresentam nas mortes das pessoas pela contaminação por doenças infecto contagiosas.

Para muitos o esclarecimento se reduz na informação midiática na sociedade do espetáculo que se apresenta como forma de pensar a realidade. A propaganda se apresenta como estilo de vida que incorpora na vida em sociedade entre aqueles que podem consumir e os outros que estão fora da lógica do consumo e, portanto, não fazem parte deste mundo.

Incluir significa que todos podem fazer parte da vida comum. Entretanto, nem todos parecem querer compartilhar deste tipo de responsabilidade da vida comum no planeta. Primordialmente, se deveria compreender a inclusão de todas



as espécies na unidade entre natureza e cultura e suas interações com a sociedade humana.

Neste contexto, este ensaio tem como objetivo analisar a formação profissional dos sujeitos para além da perspectiva instrumental do especialista da ciência disciplinar que se aliena no objeto e, primordialmente, na recusa em compreender a realidade numa ampla totalidade que se interage entre natureza e cultura.

Comprendemos que o processo formativo ocorre na hegemonia da transmissão da cultura escolar de maneira instrumental como modo operante de fazer as coisas em que a técnica é apropriada sem a reflexão do sujeito no modo de usar à mesma e que limita ainda mais a experiência de vida do sujeito. Torna-se o paradoxo de apropriar-se de algo que não se torna incorporado como modo do fazer e pensar e, portanto, a realização da prática cega em que não se pensa naquilo que faz. Esse modo operante em que nada quer saber sobre o modo de fazer as coisas se relaciona diretamente com a perda da responsabilidade coletiva pelo mundo numa posição de alienação do sujeito que se produz na interdição entre o conhecimento e o saber.

Esse mecanismo do ensino instrumental em não querer saber e apenas se informar para conhecer no momento atual se agrava ao apresentar como algo em pleno esgotamento de resultados, pois se torna necessário em discutir diversos problemas que se apresentam na realidade, como por exemplo, a pandemia que se iniciou em março de 2020 em que

Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou hoje (11) que a organização elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2). A mudança de classificação não se deve à gravidade da doença, e sim à disseminação geográfica rápida que o Covid-19 tem apresentado. "A OMS tem tratado da disseminação [do Covid-19] em uma escala de tempo muito curta, e estamos muito preocupados com os níveis alarmantes de contaminação e, também, de falta de ação [dos governos]", afirmou Adhanom no painel que trata das atualizações diárias sobre a doença (SEM AUTOR, 2020).



A Covid-19 significa uma infecção por vírus que promove a síndrome respiratória aguda grave. Esse novo coronavírus fez em 2020 o mundo todo parar, grande parte do sistema de produção na proposição do isolamento social como modo de enfrentamento da expansão desta doença no processo de contaminação entre os sujeitos. Aqui se apresenta o grande problema de como convencer os sujeitos para ficarem em casa na diversidade de situações e dificuldades?

Podemos compreender que o adoecimento do sujeito seria apenas parte da expressão do sistema capitalista de produção em que o torna descompensado e impossibilita por completo qualquer outro modo de vida saudável em sociedade uma vez que tudo se pauta na subordinação do sujeito a máquina. O indicador desta forma descompensada de existir do sujeito também se apresenta na preservação da vida, pois a mesma passa fazer parte da conta que interfere na obtenção do lucro imediato.

Essa conta destitui o valor da vida o qual ocorre na pandemia em que foi estabelecida a necessidade de isolamento social que se opôs àqueles que em defesa da economia exigiam o fim desta medida de confinamento e a retomada ao trabalho (COLON, 2020).

Aqui se apresenta na expressão máxima do processo de alienação do sujeito perante a preeminência do capital sem levar em consideração a quantidade de mortes que podem ser ampliadas com o fim do confinamento como forma de prevenção de infecção pelo novo coronavírus. Cabe destacar que a incoerência deste tipo de medida se amplia em sociedades que prevalecem a precarização da cultura em que se faz apelos pelo viés da moral do trabalho ou na hegemonia do senso comum que se estabelece na recusa da cultura científica e se manifesta em diversas formas na expressão da barbárie.

Numa sociedade em pleno desenvolvimento social ficar em casa seria a presença do Estado como mediador dos conflitos e que possa garantir a subsistência de todos. Em termos de análise a emancipação do sujeito a posição



do intelectual ocorre como modo crítico em se evitar esta situação de regressão e isso se apresenta na defesa a vida como verdadeiro problema nas interações entre a questão ecológica e o processo de formação para a construção da vida social harmônica na unidade entre natureza e cultura.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA – PROPOSIÇÕES PARA SE PENSAR A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

São diversos os autores que discutem a necessidade de que a melhoria na qualidade de vida está diretamente relacionada com a distribuição da riqueza produzida coletivamente. Podemos compreender o conhecimento no campo da cultura como um bem que também deveria estar distribuído para todos. Neste contexto, para combater o vírus os sujeitos têm que conhecê-lo como objeto complexo, portanto com outro tipo de saber radical que se apresenta nas interfaces do microorganismo com questão ecológica e social. Para tanto, precisaria de uma sociedade que fomente um tipo de ensino que permita ao sujeito pensar constantemente em mudanças favoráveis para a manutenção da vida, tendo como base o respeito pela integridade de todas as espécies de seres vivos que habitam esse planeta. É preciso reconhecer que

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão (GUATTARI, 2009, p. 7-8).

Em termos de processo formativo, o problema é a existência das possibilidades em encontrar uma via de manutenção da subsistência de todas as



espécies e, portanto, uma educação para realização de trabalho que não comprometa a diversidade de vidas. Trata-se de romper com o pensamento que se limita a

[...] geralmente se contentar em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões (GUATTARI, 2009, p. 8).

No entanto, como seria possível abordar a questão ecológica em esferas tão amplas para além do meio ambiente circunscrito pela sociedade do mercado e abordar as relações sociais e a subjetividade?

Toda vez que antecede a minha entrada em atividades práticas de sala de aula ocorre o trabalho do pensamento pelo viés de analisar as diversas contradições que se apresentam no processo formativo. Vou ao encontro de algo com o paradoxo do saber e não saber, pois tenho algo a dizer e também muito a escutar sobre o tema. Ao término de cada encontro sempre fica a sensação de que não fui compreendido perante a transmissão do conceito.

Neste caso, ocorre a esperança que num próximo encontro de aula seja possível lidar com o resto que sobra perante a compreensão do real. Desse modo, ao proferir a palavra sempre se apresenta a situação de que alguma coisa ficou sem compreender e, portanto, ocorre a necessidade de outro encontro, pois o diálogo para constituir a transmissão que não se esgota nas palavras ditas.

Não seria a falta de entendimento ou na impossibilidade no esgotamento da palavra dita que mantém o pleno movimento do educar. O que impede para que se esgote a palavra seria reconhecer sobre a impossibilidade do educar como algo que se fecha na explicação, mais precisamente:

Como educar para a realidade? Para o desejo? Para o reconhecimento do impossível? Enfim, como se educa? Pois, endereçando a palavra a uma criança. Falando? Sim! Como? Como especialista? Não, como simples mortal, pai, mãe ou professor. Como alguém que reconhece para si que não pode não falar – em certos momentos - aquilo que está falando. Porque nessa precisa palavra, conjugam-se suas esperanças e seus temores. Portanto, se ela não fosse (mal) dita, o adulto saltaria por cima de sua castração. A palavra com chances de educar é essa palavra marca da sujeição do adulto à castração. Isto é, essa palavra testemunho



do que escapa à ciência do sujeito. As outras, são palavras vazias que entram por uma orelha e saem pela outra, pois são puro blá blá blá. Uma das figuras daquilo que escapa ao adulto quando endereça sua fala a uma criança é, justamente, o controle dos efeitos dessa fala. Ou seja, aquilo que escapa é a mesmíssima educação. A sabedoria da língua afirma algo nesse sentido: “eu não posso aprender por você; eu só posso ensinar”. Por sinal, sabedoria da impossibilidade, recusada sistematicamente pelos metodólogos que pretendem fazer do ensinar e do aprender duas faces de uma mesma moeda (LAJONQUIÈRE, 2006, p. 16).

A compreensão pedagógica da exclusividade da informação como elemento do esgotamento da palavra reduz o ensinar e o aprender como algo que se pauta em processos de repetição na semelhança. Esta forma pedagógica se constitui numa compreensão do sujeito como aquele que deve memorizar o conteúdo como forma de expressar o conhecimento. Isso seria a completa perda de sentido que destitui as marcas daquele que profere a palavra na construção do saber em que apresentam no conteúdo e, principalmente, expressam a “[...] sujeição do adulto à castração” (LAJONQUIÈRE, 2006, p. 16).

Temos instituído nas unidades de ensino diversas máquinas que se instauram como dispositivos que impedem o sujeito a compreender o conceito como algo que se busca significado perante a falta do sujeito na palavra proferida por aquele que testemunha no saber a própria incompreensão. Isso que se apresenta como a explicação informacional se busca a objetividade no campo semântico em que pouco se compreende a amplitude do conceito no campo da palavra como elemento que permite a produção do diálogo como uma tentativa de esclarecer aquilo que não foi pronunciado. Neste aspecto, o educar se constitui em outras condições em que o:

Ensinar é colocar em signos, isto é, é mostrar. Assim, o Outro que demanda, mostra, sem saber, quais são as cartas. Em outras palavras, o Outro “coloca” à disposição do pequeno os significantes para que construa um saber, uma ficção. Um saber ficcional sobre essa origem, sobre como responder a esta demanda do Outro. No entanto, não devemos esquecer que o Outro tem que pedir e também ofertar (LAJONQUIÈRE, 1997, p. 121).

Romper com o ensino instrumental é algo fundamental para posicionar o sujeito como intelectual e, portanto, a repetição do fazer educativo alienado do



pensamento reflexivo seria algo que não se deveria fazer na formação do profissional para se evitar a exclusão do outro.

3 METODOLOGIA – AS PERSPECTIVAS INVESTIGATIVAS PARA SE ANALISAR A QUESTÃO ECOLÓGICA, PANDEMIA DA SÍNDROME RESPIRATÓRIA AGUDA (COVID-19) E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Seria importante para a construção da crítica e resistência ao tecnicismo que se torna como forma hegemônica de reduzir as relações humanas compreender o processo da formação profissional como elemento sem o menor fundamento transcendental explicativo sobre o modo de existir o sujeito. Portanto, o vir a ser o sujeito deveria estar orientado com algo que possa estar comprometida com a posição deste perante o desejo. Desta forma, em termos metodológicos a nossa compreensão para analisar as interfaces entre a questão ecológica, a pandemia da síndrome respiratória aguda (COVID-19) e a formação profissional se encontra na perspectiva de interpretar a realidade em que o ensinar e o aprender deveria estar implicado com o desejo, ou de permitir o reconhecimento da impossível realidade do desejo - ou seja, do caráter artificial de seu estofo (LAJONQUIÈRE, 2000, p. 20).

Neste sentido, no processo formativo o desejo se encontra como algo que implica o sujeito na posição de fazer a passagem no campo da cultura e possa assumir isso como dívida simbólica em que:

O desejo na formação dos professores e no fazer docente: surgiram muitas perguntas no que concerne à escolha de ser professor. O sujeito escolheu a profissão pela via do desejo ou da demanda de "ter um emprego"? Os inúmeros cursos de formação continuada são feitos pela via da demanda ou do desejo? Por que eles não reverberam nas práticas docentes? A demanda é de "mais informação" ou pode se estar disposto a encontrar-se com esse não todo, com o desconhecido? Em que medida os cursos de formação continuada tocam esse professor para que ele deseje a carreira docente e o leve a amar o saber, a ter uma curiosidade pelo conhecimento e a lidar com o "não saber", enfim, para que algo desse "real" da psicanálise apareça? Como os professores poderiam se implicar nesses cursos de formação para que não fossem somente uma demanda externa, mas também uma



implicação dos próprios professores na construção desses processos formativos? Como lidar com o tempo na formação de professores? (CARNEIRO, 2016).

A proposição deste ensaio ao analisar as interações entre natureza e cultura presentes nas interfaces que se estabelecem na questão ecológica, pandemia da síndrome respiratória aguda (COVI-19) e a formação profissional fica em evidência que em temos metodológicos analisar o ensinar e o aprender como algo que fica para além da ciência disciplinar pautada no tecnicismo pedagógico. Romper com o mesmo significa

Dessa forma, com vistas a possibilitar a abertura de algum interrogante que toque à implicação subjetiva do não iniciado no processo de formação, às vezes, falo demais, outras, guardo silêncio, narro uma lembrança pessoal da época de minha formação, lembro um comentário de aluno feito em anos anteriores, ou recupero alguma dúvida formulada na mesma aula. Outras vezes, simplesmente, retomo algum episódio da saga inventiva do próprio Freud. Seja o que for, não viso ao ensino, de forma clara e distinta, de noções da teoria psicanalítica. Assim, esse resto no entendimento ou esse ruído na comunicação faz um furo na linha do horizonte da enunciação para, então, retornar na forma de uma pergunta: o que quer de mim esse aí que assim me fala? Peça-chave ainda a redobrar, mas sem a qual o jovem nunca poderá colocar em questão sua implicação na formação como educador (LAJONQUIÈRE, 2020, p. 862).

O sujeito interrogante seria aquele que se lança a pensar a realidade como objeto complexo e neste sentido se busca estabelecer novas conexões com os conhecimentos com a finalidade de interpretar a dinâmica que se estabelece na realidade. Este movimento conduz a experiência do pensamento em ruptura com o conhecimento segmentado que não estabelece relações e, portanto, trata-se de analisar os fenômenos numa unidade que se estabelece entre natureza e cultura.

Essa condição da unidade conceitual entre natureza e cultura estabelece outras perspectivas investigativas para se analisar a questão ecológica, pandemia da síndrome respiratória aguda (COVID-19) e a formação profissional.

4 DISCUSSÕES - REDEFININDO OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL PERANTE O CONHECIMENTO CIENTÍFICO NA UNIDADE ENTRE NATUREZA E CULTURA



A grande falta de entendimento que se produziu no enfretamento do vírus fez espalhar pelo mundo sua respectiva doença como o nome de Covid-19 (MORALES, 2020). A Covid significa a abreviação da palavra em inglês *Corona Virus Disease* (Doença do Coronavírus) e que ficou popularmente conhecido como o novo coronavírus, mas de novo é apenas um detalhe pelo fato de que outros da mesma família de coronavírus já terem sido frequentemente espalhados pelo mundo em que

Os quatro subtipos já adaptados a seres humanos, identificados a partir do final do século passado e encontrados no país são: HCoV-OC43, provavelmente vindo de bovinos, mas originário de roedores; HCoV- NL63, proveniente de morcegos, como os da Sars e da Covid-19; HCoV-229E, vindo de camelos, mas originário de morcegos; e HCoV-HKU1, vindo de roedores (FIORAVANTI, 2020).

Compreendemos que o surgimento do referido vírus como novidade é algo que atinge diretamente a saúde pública, pois não se conhece formas de terapia em termos farmacológicos. A única ferramenta de evitar sua propagação é algo que se consiste em pensar as relações entre natureza e cultura em que a ciência disciplinar se aprofunda em condutas de combate e biossegurança perante o potencial de transmissão do vírus, mas sem colocar na perspectiva de discussão a base que desencadeia as pandemias como resultado de diversas diferenças sociais de vida presentes em nosso planeta. A ciência encontra em dificuldade em processar que tais medidas de proteção são restritas para amplo uso da população de baixa renda.

Tudo parece indicar que ficou uma falta de competência na discussão sobre a necessidade da ciência disciplinar como forma de encaminhar soluções para o combate ao referido vírus na maneira de determinar de forma imperativa ao estabelecer um conjunto de recomendações para se evitar o contágio pelo COVID-19:

Lave com frequência as mãos até a altura dos punhos, com água e sabão, ou então higienize com álcool em gel 70%. Ao tossir ou espirrar, cubra nariz e boca com lenço ou com o braço, e não com as mãos. Evite tocar olhos, nariz e boca com as mãos não lavadas. Ao tocar, lave sempre as mãos como já indicado. Mantenha uma distância mínima de cerca de 2 metros de qualquer pessoa tossindo ou espirrando.



Evite abraços, beijos e apertos de mãos. Adote um comportamento amigável sem contato físico, mas sempre com um sorriso no rosto. Higienize com frequência o celular e os brinquedos das crianças. Não compartilhe objetos de uso pessoal, como talheres, toalhas, pratos e copos. Mantenha os ambientes limpos e bem ventilados. Evite circulação desnecessária nas ruas, estádios, teatros, shoppings, shows, cinemas e igrejas. Se puder, fique em casa. Se estiver doente, evite contato físico com outras pessoas, principalmente idosos e doentes crônicos, e fique em casa até melhorar. Durma bem e tenha uma alimentação saudável. Utilize máscaras caseiras ou artesanais feitas de tecido em situações de saída de sua residência (BRASIL, 2020).

Entre estas diversas condutas de proteção para evitar o contágio envolvem alteração no comportamento social e, primordialmente, condição social para poder ficar em casa e até mesmo ter água e sabão para lavar as mãos. Entretanto, trata-se de pensar que para grande parte da população a casa é um quarto apertado para o convívio de toda a família. Sobre o acesso a rede de água e esgoto segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) temos a falta de saneamento básico para dois bilhões de pessoas no mundo (CRISTALDO, 2020).

Esse ponto é que coloca em evidência a dificuldade de minimizar a transmissão do vírus, pois poucos se relacionou o referido acontecimento com a falta de compreensão da pandemia com o saber que se encontra presente nas ciências humanas em que a péssima distribuição de riqueza e destruição dos recursos naturais em determinados locais dos planetas torna-se um fator agravante para expansão de doenças.

O campo da ciência é habitado por formas de transmissão do conhecimento que se aproximam na total exclusão do diálogo com outro. Em conversa com os colegas que são responsáveis por algumas destas disciplinas que reprovam grande parte dos alunos dos cursos de graduação no campo das ciências fiz a seguinte pergunta: “Por qual o motivo os alunos não aprendem?”. A resposta foi conclusiva: “São alunos fracos”. Entretanto, a pandemia coloca em evidência que a fraqueza tem origem nas desigualdades sociais em que grande parte dos alunos reclusos em suas casas não dispõe de internet ou qualquer outro suporte que



possa garantir o acesso ao ensino remoto como exigência na manutenção do isolamento social.

Seria importante compreender esta afirmação de que os alunos não aprendem por que são fracos como algo que estabelece o paradigma de aptidão como concepção de mundo e ciência, pois naturaliza o sujeito como aquele que pode estar em condição a adaptar-se ao esforço referente ao caso específico da pandemia.

Na relação de causa e efeito se espera que na palavra anunciada ao sujeito esta seja plenamente atendida e, portanto, para o senso comum o desvio foi representado como incompetente. Isso se preconiza na oposição com a noção de sujeito competente e obediente.

Temos ainda a compreensão reduzida do fenômeno da pandemia que se encontra presente em parte do senso comum que se refere a contaminação pelo novo coronavírus como uma sendo

[...] simples gripe, o que é falso de acordo com estudos existentes. Ainda não é possível atestar a taxa de mortalidade do novo coronavírus, mas cientistas apontam que há uma maior letalidade em comparação à gripe comum. A Universidade de Bern, por exemplo, estimou que o Covid-19 apresenta letalidade de 1,6%. Já a taxa de mortalidade da gripe comum é de 0,1%, conforme mostra o CDC, órgão de prevenção de doenças dos EUA. Já a gripe H1N1, que teve um surto em 2009, apresentou taxas entre 0,01% a 0,08% (SEM AUTOR, 2020a).

Essa proporção da letalidade do novo coronavírus associada a sua ampla forma de contaminação tem reflexo direto na organização social, pois o fato de não existir prevenção ou tratamento farmacológico do mesmo levou ao esgotamento diversos sistemas de países do planeta pela falta de leito em unidade de tratamento intensivo (UTI), principalmente, os destinados a sujeitos mais graves que necessitam da terapia intensiva e a máquina de respirar artificialmente.

A quantidade de sujeitos afetados pelo novo coronavírus no mundo estabeleceu-se como uma escala crescente que se iniciou em janeiro de 2020 que



em termos mundial (SEM AUTOR, 2020b) estabeleceu toda uma falta de compreensão na dinâmica em decorrência de diversas ondas de contaminação.

O novo coronavírus faz com que todos aqueles que se pautam no paradigma do senso comum do sujeito forte e resistente ou na forma de combater a propagação do vírus no conhecimento do especialista se apresentem em dificuldade de lidar com o saber genérico ou do especialista que não conseguem gerenciar o referido problema de saúde pública.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – ALGUNS APONTAMENTOS PARA SE PENSAR A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Torna-se evidente que a questão ecológica, pandemia da síndrome respiratória aguda (COVID-19) coloca em discussão o nosso modo de vida planetário e, primordialmente, no caso deste ensaio nos elementos para se pensar a formação profissional.

Compreendemos que a formação profissional possui uma relação direta com a responsabilidade com o planeta que habitamos uma vez que a concepção de mundo e ciência que é transmitida no processo de escolarização é que produz como as coisas são nos entornos do nosso modo de vida.

Temos que reverter em termos de formação profissional o caminho tão insistente seguido em termos hegemônicos na busca do lucro imediato sem levar em consideração os efeitos para a sociedade. Essa condição tem apresentado resultados desastrosos para grande parte da população do planeta, primordialmente, para aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade.

Apontamos que a ciência deveria analisar a complexidade que envolve a necessidade de manutenção do ecossistema e, portanto, uma forma de compreender a dinâmica da realidade em plena interação.

Neste contexto, diria que não estamos falando de pós-modernidade e sim a vida em sociedade no pós novo coronavírus. Sabemos que este veio para ficar



entre nossas relações entre os humanos e vai alterar por completo o modo de vida em termos significativos. Toda a nossa compreensão do que seja estar perto do outro vai se estabelecer outras formas de distanciamentos. Neste sentido, o referido vírus colocou em evidência a necessidade de pensar a presença do outro. Entretanto, em termos de paradoxo temos que lidar com a ambiguidade, de um lado, em querer o outro por perto pelo fato que precisamos deste para interagir e receber o resultado do seu trabalho que promove a nossa subsistência. Por outro lado, simultaneamente, se apresenta o não querer o outro por perto, pois o mesmo incomoda com a sua existência e no caso específico da pandemia agora pode contaminar com o vírus com a sua presença.

Numa sociedade emancipada o querer ou não querer o outro deveria ser algo compreendido que sua presença nunca seria problema e sim o modo de fazermos as relações sociais que resultam na produção da cultura.

Nas sociedades totalitárias ocorre uma inversão em que se promove a aversão pela presença da diferença e que se reproduz num modo de vida insatisfatório uma vez que o outro para estes não existe como sujeito. Entretanto, a impossibilidade do contato físico promovido pela pandemia derrubou completamente a compreensão do isolamento social como fato de se pensar o sujeito autônomo e independente, principalmente, como precisamos do outro para viver em sociedade. Em nossa compreensão esta é a maior lição que a pandemia pode deixar para todos aqueles que direta ou indiretamente trabalham na transmissão dos conceitos no campo dos processos formativos.

Em termos de processos formativos se a proposição na formação do profissional como especialista prevalecer na falta da compreensão ampla do ecossistema ainda estaremos correndo o risco de novas pandemias. A agressão que se faz ao meio ambiente retorna em diversas formas que tornam cada vez mais complicado a existência do homem no planeta.

O que fica em evidência neste momento de pandemia é o quanto a vida é frágil e isso se apresenta apesar de toda a tecnologia. Temos que reconhecer a



dificuldade de enfrentar um vírus que se constitui num simples microorganismo em sua estrutura que coloca em xeque toda a sofisticada maquinaria e economia do planeta. Isso se apresenta como um ataque inesperado para o conjunto de pressupostos tecnológicos e que coloca sem respostas e sem saber por onde caminhar com a ciência. Espera-se da ciência uma nova vacina e penso como intelectual que se deveria esperar da humanidade um novo estilo de vida.

Conclui-se que a vacina pode ser um elemento necessário para a contenção da pandemia, mas se tornará completamente inoperante uma vez que se precisa mudar o modo como vivemos, primordialmente, como se faz o sistema de produção funcionar. Ocorre uma falta de compreensão numa sociedade em que a mercadoria tem maior valor que a vida.

A ciência numa perspectiva multidisciplinar poderia estabelecer outros parâmetros para se compreender a pandemia perante toda sua complexidade do objeto, primordialmente, como problema social. Deste modo, a referida pandemia é algo que pode resultar diretamente na destruição da natureza em que o desequilíbrio e descontrole do ecossistema afetam diretamente os sujeitos que vivem em sociedade.

Torna-se imprescindível compreender essa dinâmica nas relações entre a natureza e cultura numa unidade como oposição direta ao conhecimento instrumental como forma de desalienar o sujeito no modo de vida que se distanciam da compreensão radical em que os fenômenos naturais são afetados pelas desigualdades sociais. Esta condição reproduz as injustiças na sociedade na incapacidade de viver em harmonia com a natureza e na distribuição dos bens produzidos coletivamente na sociedade. É isso que se espera numa sociedade pós novo coronavírus, ou seja, que possa requerer como pauta que se discuta a questão ecológica e, primordialmente em elementos para se repensar a formação profissional.



REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BERMÚDEZ, Ana Carla. Pisa: Brasil fica entre piores, mas à frente da Argentina. In *Educação*. Disponível em <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/12/03/pisa-brasil-fica-entre-piores-mas-a-frente-da-argentina-veja-ranking.htm>. Acessado em 29 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#como-se-proteger> Acessado em: 26 abr. 2020.

CARNEIRO, Cristiana *et al.* CARTA DE BELO HORIZONTE. In: *XI COLÓQUIO INTERNACIONAL DO LEPSI / V RUEPSY / II INFEIES/ II PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO DE MINAS - OS SINTOMAS NA EDUCAÇÃO DE HOJE: O QUE FAZEMOS COM "ISSO"?*, Belo Horizonte: UFMG. 2016.

COLON, Leandro. Contra o confinamento, Bolsonaro vive isolamento político na pandemia. In: Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandrocolon/2020/03/contra-o-confinamento-bolsonaro-vive-isolamento-politico-na-pandemia.shtml>. Acessado em: 13 maio 2020.

CRISTALDO, Heloisa. Falta saneamento básico para 2 bilhões de pessoas no mundo, diz ONU. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/falta-saneamento-basico-para-2-bilhoes-de-pessoas-no-mundo-diz-onu>. Acessado em 24 abr. 2020.

FIORAVANTI, Carlos. Os outros coronavírus. In: Pesquisa FAPESP. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2020/02/21/os-outros-coronavirus/>. Acessado em: 23 abr. 2020.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. A ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS "COM DGD". In: *Estilos Clínica*, vol.2, n.3, p.116-129. 1997.



LAJONQUIÈRE, Leandro de. Freud sua Educação para a realidade” e a ilusão (psico)pedagógica de nossos dias, In: *Educação e Realidade*, vol.25, n.1, p.15-23. 2000.

LAJONQUIERE, Leandro de. A Palavra e as Condições da Educação Escolar. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 455-469, abr./jun. 2013.

Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13316/14336>. Acessado em: 15 abr. 2020.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. Sigmund Freud: para uma Educação além da Pedagogia. In: *Revista Educação Temática Digital*, vol.8, n.1, p.1-19. Dez, 2006.

MORALES, Juliana. Qual é a diferença entre coronavírus, covid-19 e Sars-CoV-2? In: Guia do Estudante. Disponível em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/qual-e-a-diferenca-entre-coronavirus-covid-19-e-sars-cov-2-entenda/>. Acessado em: 28 mar. 2020.

SEM AUTOR. O que Bolsonaro falou do coronavírus — e o que é fato. In: *Aos Fatos Mais*. Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/o-que-o-presidente-falou-do-coronavirus-e-o-que-e-fato/>. Acessado em: 19 abr. 2020a.

SEM AUTOR. Coronavírus (COVID-19). In: *News Google*. Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR:pt-419>. Acessado em 19 abr. 2020b.

SEM AUTOR. Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. In: *UNA-SUS*. Disponível em:

<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acessado em: 28 abr. 2020c.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

SILVA, Franklin Leopoldo. A negação do sujeito. In: In: NOVAES, Adauto (Org.). *Mutações: fontes passionais da violência*. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

Recebido em: 17/05/2020

Aceito em: 05/02/2021

